



Fernanda Figueiredo Granja Dorilêo Leite

fernandafgdleite@gmail.com

Ano de ingresso da UFV: 2010

Naturalidade: Cuiabá- MT

Empresa: Universidade Federal Fluminense (UFF)

Conte resumidamente sua trajetória na UFV:

Eu entrei na UFV em 2010 e ingressei no PET no meu terceiro período da graduação, onde fiquei durante um pouco mais de 2 anos. Durante a minha trajetória no PET eu desenvolvia pesquisa na Ambiagro (Núcleo de Pesquisa em Ambiente e Engenharia de Sistemas Agroindustriais) na área de tratamento de resíduos agroindustriais, auxiliando uma doutoranda em análises de laboratório e de campo. Além disso desenvolvia atividades de ensino e extensão, organização de eventos (CONEEAGRI, EADEA, etc), além de ministrar palestras em escolas do município de Viçosa para a difusão do curso entre alunos do ensino médio. Também ajudei na construção na cartilha do calouro, usada para auxiliar os recém chegados ao curso de Engenharia Agrícola e Ambiental da UFV. Durante estes dois anos no PET, desenvolvi muitas habilidades, como gestão de pessoas, organização, liderança e foi onde tive o meu primeiro contato com a área da pesquisa. Eu tive que sair do PET quando recebi a bolsa do Ciência sem Fronteiras para ir estudar 1 ano e 2 meses na North Carolina Agricultural and Technical State University nos Estados Unidos. Lá eu fiz dois meses de um curso de inglês e depois dois semestres de disciplinas da graduação (pude aproveitar as disciplinas quando retornei para o Brasil). Quando voltei do intercâmbio fui estagiária do Centro de Conhecimento em Bioenergia, onde era gerente de projetos e ajudava na gestão dos projetos de biodigestores das suinoculturas de Viçosa e região. No meu último semestre do curso eu fiz estágio na Monsanto no estado de Mato Grosso, e foi neste estágio que comecei a entender qual era o meu perfil e o caminho que queria seguir profissionalmente.

Quais foram suas atitudes para ingressar no mercado de trabalho logo após formado?

Depois de fazer estágio em uma multinacional em meu último semestre eu vi que o meu perfil era a área de pesquisa. Então eu resolvi fazer mestrado no programa de Engenharia de Biosistemas na Universidade Federal Fluminense (UFF), onde meu orientador era um pesquisador da Embrapa Solos. Desde o início do mestrado eu me dediquei para me destacar entre os demais. Eu tinha um contrato de estágio com a Embrapa, onde fiz várias disciplinas e cursos na área de solos, e comecei a aumentar os meus conhecimentos na área de manejo e conservação de solo, fertilidade de solo e agricultura sustentável. Então após o mestrado eu entrei no doutorado no programa de Geoquímica Ambiental na UFF, onde trabalho em um projeto de pesquisa da Embrapa solos também. Eu encarei o mestrado e o doutorado como um "trabalho normal" (na realidade é até mais difícil que a iniciativa privada), e desde o primeiro dia tracei metas, prazos, e fui avaliada constantemente. No Brasil, muitas vezes têm-se a visão de que quem faz mestrado e doutorado é um "aluno" apenas, quando na verdade a pressão e o nível de dificuldade torna estas pessoas verdadeiros profissionais resilientes e perseverantes. Mas, independente se você vai seguir a área acadêmica ou a iniciativa privada, é a sua atitude perante as dificuldades que irá determinar os seus resultados.

Na sua opinião, o que deve ser levado em conta ao escolher entre a carreira acadêmica ou o mercado de trabalho?

Na minha opinião o mais importante é entender o seu perfil, isso pode ser feito através de ajuda de profissionais (psicólogo, coach, etc) ao realizar um teste vocacional. Para mim foi ótimo contar com ajuda para entender o meu perfil, pois antes eu imagina que tinha que ir para empresa, sendo que na verdade o meu perfil era totalmente voltado para a pesquisa. Assim eu pude redirecionar a minha carreira após entender o meu perfil (competências e qualidades).

Qual sua área de atuação? Em que projetos você tem trabalhado atualmente?

Trabalho atualmente na área de agricultura de baixa emissão de carbono, avaliando a sustentabilidade, sequestro de carbono e emissão de Gases de Efeito Estufa em solo em sistemas de Integração Lavoura-Pecuária-Floresta (ILPF). Um dos projetos que trabalho é "A abordagem Nexus na Integração lavoura-pecuária-floresta (ILPF): Uma questão de segurança alimentar, hídrica e energética", vinculado à Embrapa Solos, que faz parte do Convênio Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e o Instituto Brasileiro de Desenvolvimento e Sustentabilidade (IABS) "Projeto Agricultura de Baixo Carbono e Desmatamento Evitado para Reduzir a Pobreza no Brasil Fase II - Desenvolvimento Rural Sustentável no Cerrado". Durante o meu doutorado fui selecionada para fazer um treinamento científico pelo órgão internacional Global Research Alliance on Agricultural Greenhouse Gases (GRA) para aprender a técnica de medição de Gases de Efeito Estufa do solo no Instituto Nacional de Tecnologia Agropecuária (INTA), Argentina. Estou finalizando a minha tese do doutorado neste tema. Além disso também trabalho em um projeto de pesquisa internacional financiado por uma rede de fomento europeia FACCE ERA-GAS (Monitoring and Mitigation of Greenhouse Gases from Agriculture and Silviculture) no projeto "Integrated crop-ruminant livestock systems as a strategy to increase nutrient circularity and promote sustainability in the context of climate change". Neste projeto eu trabalho com a avaliação da gestão da circularidade do carbono e mitigação e adaptação às mudanças climáticas em sistemas de Integração Lavoura-Pecuária por meio de modelagem e da abordagem da avaliação do ciclo de vida (LCA).

Como o mercado de trabalho lida com o Engenheiro Agrícola e Ambiental atualmente? Quais são as dificuldades enfrentadas?

Eu acredito que quem faz o mercado de trabalho são os profissionais, não acho que exista dificuldade em se encaixar, pois o bom profissional se encaixa sempre. Eu mesma não encontro problemas em ser Engenheira Agrícola e Ambiental e trabalhar na área de carbono e Gases de Efeito Estufa do solo. O bom deste curso é que temos um leque muito grande para a área de atuação, podendo trabalhar em diversas frentes. A nossa base é muito boa, a UFV me deu base para seguir em qualquer caminho que eu quisesse. É claro que para se aprofundar em alguma área você precisa estudar e se dedicar para se tornar um especialista. Este foi o meu caso, pois eu tinha feito apenas duas disciplinas de solos durante a graduação (que são as duas obrigatórias do nosso curso), e portanto eu tive que "correr atrás" durante o mestrado para aumentar meu nível de conhecimento em solos para seguir nesta área. Mas como a minha base era boa, eu não precisei sair do "zero". Creio que as dificuldades enfrentadas são iguais para qualquer curso, por isso os profissionais precisam estar preparados, ter auto-conhecimento, e se dedicar para que possam se destacar. O estudo nunca vai acabar, sempre será necessário se atualizar e estudar novas coisas, pois o dinamismo do mundo globalizado exige isso. A área de ESG (Environmental, Social and Governance) na agropecuária está crescendo muito, bem como a necessidade de profissionais que possam avaliar práticas agrícolas mais sustentáveis, e é onde se encaixa o Engenheiro Agrícola e Ambiental

Quais dicas você daria para os calouros? E para os formandos?

A primeira dica para os calouros é para se envolver em tudo que puder durante sua graduação (PET, estágios, empresas júnior, centro acadêmico, etc) pois são as pequenas experiências somadas que irão construir o profissional que você será quando sair da universidade. Aproveite as oportunidades que a UFV nos dá, além de claro de se dedicar nas disciplinas, pois ela que te darão a base sólida para trabalhar após formado. Depois de pegar o tão sonhado diploma, a dica que eu dou continua a mesma: paixão, dedicação e foco! O bom profissional se destaca quando ama o que faz, quando se dedica e quando sabe onde quer chegar.